
SUMÁRIO

PREFÁCIO • ESPERANÇA DE UM MUNDO MELHOR • 11

PRIMEIRA PARTE • POSITIVO NÃO OPERANTE,
OU AUGUSTE COMTE REVISTO • 15

- 17 Heranças cruzadas
- 24 Positivo operante no jornalismo
- 28 Abalos no edifício positivista
- 32 O erro de Descartes, segundo Damásio
- 36 O erro por corrigir, ou as lições do método
- 40 O corpo e a alma nas células embrionárias
- 47 A mágica solidária do útero
- 52 Paradigmas que a todos inquietam
- 55 Pascal no século XXI
- 59 A sutileza da operação noticiosa

**SEGUNDA PARTE · DIÁLOGO POSSÍVEL,
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA · 65**

- 67 A prática da interação social
- 68 *Sobrevivente pede o fim da maldade*
 - 73 *Afetos do segundo tempo*
 - 75 *Geléias para o inverno*
 - 81 *Lavas do vulcão*
- 89 *Post scriptum*

**TERCEIRA PARTE · REFLEXOS E REFLEXÕES
À MARGEM DAS CERTEZAS · 91**

- 93 Grandezas e limitações da relação digital
- 101 Para além do código lingüístico

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (BREVE COMENTÁRIO) · 111

PREFÁCIO

ESPERANÇA DE UM MUNDO MELHOR

Usada e abusada, para não dizer vulgarizada sem qualquer respeito ao sentido original, a expressão “crise de paradigmas”, antes restrita ao jargão científico, tornou-se nos últimos tempos moeda corrente no vocabulário do senso comum. Apenas a título de exemplo, lembremos que hoje ela ecoa com irritante frequência no plenário do Senado Federal e da Câmara dos Deputados em Brasília, sem contribuir em nada para a elevação do nível dos debates parlamentares. Repetida à saciedade nos contextos mais diversos, quase sempre de maneira imprópria, a noção (cunhada no início dos anos 1960 por Thomas Kuhn em sua obra seminal, *A estrutura das revoluções científicas*) esgarçou-se de tal forma que chega a ser temerário iniciar o prefácio deste livro com uma referência explícita à tão comentada (e pouco compreendida) crise de paradigmas dos tempos presentes. Não há, contudo, como contornar o obstáculo,

já que, em última análise, é esse o tema central de *Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos*.

A obra traz a discussão para o domínio da comunicação social, mais especificamente do jornalismo. Eis aí o primeiro dos muitos méritos do trabalho de Cremilda Medina: ela não hesita em reconhecer os problemas de seu campo de atuação. Nunca é demais assinalar que é fácil apontar a crise no terreiro do vizinho, mas sempre complicado lidar com as dificuldades em nosso quintal.

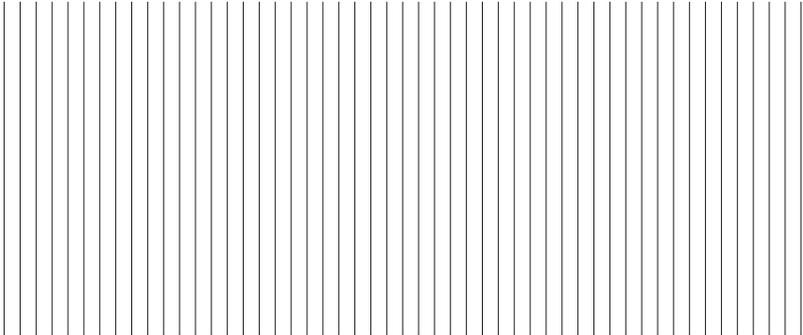
Ao analisar as idéias de René Descartes e Auguste Comte, Cremilda discute como esses dois grandes autores – sustentáculos do arcabouço conceitual da modernidade – influenciaram o jornalismo ao longo de quase dois séculos. No entanto, com os abalos sofridos pelo edifício racionalista-positivista nos últimos tempos, práticas profissionais solidamente estabelecidas começam a ser contestadas. O repórter frio e objetivo diante dos fatos já não dá conta das novas exigências impostas pela realidade. A derrocada das certezas, a crise de valores e o triunfo do absurdo exigem um mediador que se deixe impregnar por sensações e emoções ao narrar o mundo. A notícia já não se restringe às possibilidades improváveis, mas mergulha no cotidiano, no protagonismo dos atores anônimos, na rica e quase sempre invisível trama da vida comum. Diante desse quadro de profundas transformações, além de revelar a matriz positivista das fórmulas jornalísticas predominantes ainda hoje, Cremilda Medina propõe o resgate da autoria como elemento-chave da prática profissional. O envolvimento emocional com a narrativa e o relacionamento sujeito-sujeito entre os seres humanos nela envolvidos aparecem como uma nova fronteira na representação da atualidade ou, com licença da autora, na arte de tecer o presente, função precípua da comunicação social. Para mostrar as possibilidades concretas de sua proposta, Cremilda nos brinda com um belo exemplo de integração afetiva, em reportagem de 1985 assinada por ela no jornal *O Estado de S. Paulo* e transcrita nesta obra.

Atenta ao impacto das novas tecnologias no ambiente das redações, a autora faz, na terceira parte do livro, uma frutífera reflexão a respeito da entrevista por e-mail e do efeito das transmissões televisivas ao vivo sobre a narrativa jornalística.

Todas as visões de mundo (ia escrever “paradigmas”; contive-me a tempo), todas as visões de mundo, repito, caracterizam-se pela transitoriedade. Também no mundo das idéias tudo passa, tudo flui, como dizia Heráclito. Com a diferença de que as águas nas quais se banhava o filósofo se dispersavam rumo ao mar, e as idéias se agregam em camadas sucessivas. As visões do passado não se desmancham no ar, mas fornecem alicerces para a construção do presente. Assim, ao propor novas práticas no exercício do jornalismo, Cremilda Medina não dinamita o edifício de Descartes e Comte, mas com a contribuição de pensadores como Pascal, Damásio e Restrepo agrega preciosos tijolos à sempre inacabada construção do pensamento crítico, pragmático e democrático que fundamenta a esperança de um futuro melhor para a humanidade.

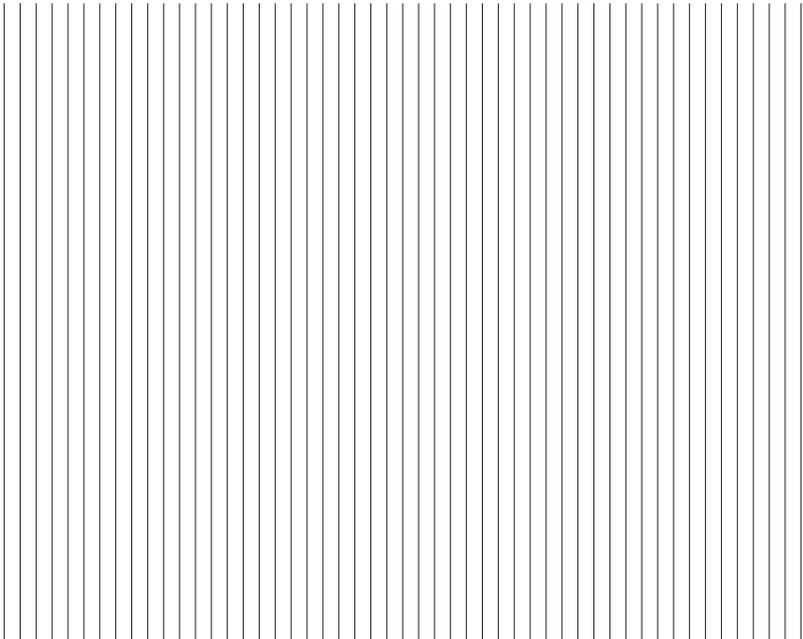
SINVAL MEDINA

*Jornalista e escritor. Publicou livros infanto-juvenis e romances.
Ex-professor da Escola de Comunicações e Artes da USP,
hoje se dedica exclusivamente à literatura.*



PRIMEIRA PARTE

POSITIVO NÃO OPERANTE,
OU AUGUSTE COMTE REVISTO



HERANÇAS CRUZADAS

Na abertura de um texto de minha autoria, dizia em 1995:

A linguagem jornalística, enquanto discurso de atualidade plenamente legitimado pela sociedade, defronta-se hoje com os impasses da crise de paradigmas. Estruturada pelos princípios positivofuncionalistas, esta codificação propõe-se uma forma eficiente de comunicação coletiva, mas vive a contradição de um discurso muito pouco interativo. O Jornalismo, inscrito na trajetória nitidamente assinalada pela Modernidade, foi construindo sua linguagem segundo os postulados da racionalidade que vem desaguar, como outras formas de codificação do real, em fórmulas gramaticais do século XIX. Dessa herança estratificada saem os principais problemas contemporâneos.

Essa reflexão, inserta em um dos textos da série Novo Pacto da Ciência, cujo propósito é pôr em discussão a experiência contemporânea, revela, de imediato, princípios positivofuncio-

nalistas, operantes na prática comunicacional e nas práticas científicas que se disciplinaram metodologicamente ao mesmo tempo. No século XIX se propõem gramáticas, presentes tanto na metodologia da pesquisa do conhecimento científico quanto na de captação e narrativa da contemporaneidade que se difunde nos meios de comunicação social. O signo da divulgação que rege a relação ciência-sociedade se estrutura numa concepção e prática semelhantes aos discursos que informam sobre a atualidade.

Curioso observar que essa comunhão de bens metodológicos recebe influxos definitivos de Auguste Comte. É o que se pretende examinar com base na obra-chave da maturidade do pensador, *Discurso sobre o espírito positivo*, de 1844. Um livro sintético das idéias fundamentais do positivismo: páginas densas, organizadas em capítulos nas edições posteriores, facilitam a decifração do caudal comtiano numa defesa assertiva (sem lugar para dúvidas) da ciência, de sua metodologia e eficiência política. Esse, o tom de um intelectual que quer condensar as condições definitivas para a educação das massas e para conferir *status* diferenciado à operação da ciência nas sociedades modernas.

Sintonizado com as idéias evolucionistas, Comte propõe três estados teóricos na trajetória intelectual da humanidade: o teológico, para ele um estado fictício ou da imaginação abastecido pelas influências sobrenaturais; o metafísico, qualificado como a enfermidade crônica entre a infância e a virilidade, que se alimenta eternamente das explicações sobre a origem e o destino do homem; e, por fim, o estado positivo, regime definitivo da razão, em que a observação é a única base possível dos conhecimentos acessíveis à verdade, adaptados sensatamente às necessidades reais.

Quando os epistemólogos contemporâneos defendem o conhecimento pragmático, aquele que avalia as conseqüências sociais da ciência, a concepção sintoniza perfeitamente com o princípio positivista que conquistou as mentes do fim do século XIX e se